



Retrato Leonardo Aversa

## O MESTRE E O APRENDIZ

Sergio Rodrigues

Fernando Mendes

### ENTREVISTA

**PATRIMÔNIO DO DESIGN BRASILEIRO, SERGIO RODRIGUES NÃO PARA. PAI DA CINQUENTENÁRIA POLTRONA MOLE, SERGIO APRESENTARÁ CRIAÇÕES INÉDITAS NA EXPOSIÇÃO DIÁLOGOS, EM CARTAZ NA CASA ELECTROLUX ENTRE 3 E 30 DE ABRIL. A MOSTRA TAMBÉM TRARÁ REEDIÇÕES E PEÇAS CRIADAS POR FERNANDO MENDES, SEU DISCÍPULO E PRIMO. TENTAMOS REPRODUZIR AQUI, COMO ENTREVISTA, UMA "CONVERSA" ENTRE OS DOIS, NESTA GRANDE ANGULAR MUITO ESPECIAL.**

**Fernando Mendes**—O que o motivou a escolher a criação de mobiliário como meio de expressão, de realização profissional?

**Sergio Rodrigues**—De 1940 a 1960, a arquitetura brasileira viveu um grande momento, mas os equipamentos de interior não acompanhavam essa inovação. O que se tinha eram os móveis da Bauhaus ou o mobiliário colonial. Eu quis criar peças compatíveis com a arquitetura que surgia e que expressassem um jeito brasileiro de se sentar e de viver.

**FM**—Ao fazer o protótipo de seus modelos, notei que o lúdico é muito presente. Algumas de suas peças parecem brinquedos. Que elementos lhe inspiram?

**SR**—Eu gostava muito de aviõezinhos e barquinhos. Quando pequeno, adorava fazer meus brinquedos. Fazia-os com canivete. Na Segunda Guerra, admirava os aviões, tanto os aliados quanto os nazistas. Depois que cresci, quis continuar brincando, só que de uma maneira mais compatível com o momento de minha vida. Se você reparar no desenho da mesa Burton, verá que ela parece ter sido feita com peças de um veleiro.

**FM**—Temos uma paixão em comum, a madeira. Por que a escolheu como matéria primordial de suas criações?

**SR**—Fabricar equipamentos de interior com madeira faz parte da tradição brasileira. Ainda que eu começasse a fazer mobiliário hoje, continuaria usando esse material. Dá para fazer de tudo: móvel, casa, barco. E ela é um material vivo. Gosto de seu cheiro, do ato de alisá-la. A madeira responde às suas intenções.

**FM**—Existe algum tipo mais especial para você?

**SR**—A que mais me emociona é o jacarandá. Quando eu tinha minha loja e fabricava meus móveis, eu praticamente comprava jacarandá na esquina. Era caro, mas tinha em todo lugar. Depois o negócio foi ficando raro e passei a usar mais peroba, freijó, imbuia. O primeiro aviso da madeira para mim foi o cedro. Meu tio fumava charutos, fazia coleções de caixinhas de cedro e eu ficava alucinado com aquilo. Até que um dia fui pego roubando caixinhas de cedro para fazer aviõezinhos. Atualmente, tem a tauari, uma madeira de lei do Sul que é muito boa, clara, completamente diferente da formalidade do jacarandá.

**FM**—Já fabriquei diversos de seus modelos e posso dizer que existe uma inteligência construtiva em suas peças, uma lógica de fabricação. Como o processo fabril está integrado à criação do produto?

**SR**—Sempre penso nos recursos disponíveis. É importante ter conhecimento básico das ferramentas para ter a resposta exata. Na hora em que estou pensando em determinada posição de peça, estou naturalmente percebendo que dado tipo de máquina pode viabilizar a ideia. A linha para o hotel Cuiabá, por exemplo, foi feita em uma firma que não dispunha de equipamentos sofisticados. Procurei me adequar a essa situação desenvolvendo um conjunto de assentos. Brincando com elementos construtivos simples e modificando a posição das peças entre as laterais quadradas de cantos arredondados, criei cadeira com braço, cadeira sem braço, poltroninha e banqueta. Apesar de não ser marceneiro, sei de quais máquinas uma oficina dispõe e que resultados elas podem dar. Além disso, conto com minha intuição.

**FM**—Existe um método em seu processo de criação? O desenho é um elemento importante?

**SR**—Acho o desenho importantíssimo. A primeira ideia do produto eu ponho no papel, sem muitos detalhes, ainda sem a preocupação da construção. Fico desenhando o tempo todo. Minha aptidão e meu contato com o desenho facilitaram muito meu trabalho de criação. Gosto muito de desenhar. Todo dia faço uma brincadeira.

**FM**—Qual peça de sua autoria é sua preferida e qual lhe deu mais prazer de projetar? E que peça de outro designer você mais admira?

**SR**—Não sou crítico de arte para julgar. Dizem que a poltrona Mole é a mais perfeita. Eu não acho. Minha preferida é a Diz, que tem algo mais elaborado, o assento e o encosto têm a mesma curvatura. Uma peça que me deu o maior prazer de projetar foi a mesa Parker. Eu tinha os elementos na cabeça, como peças soltas de uma embarcação. A estrutura da Parker foi brotando com essa inspiração. E a The Chair, do gênio dinamarquês Hans Wegner, é a que mais admiro pela simplicidade e pela pureza de linhas. É uma peça de museu.

**FM**—O conjunto de sua obra tem uma linguagem própria, uma cara de Sergio Rodrigues. Como isso se deu? Foi algo intencional?

**SR**—Foi notado só com o tempo. E não fui eu quem notou. Mas os críticos de arte, que faziam comparações entre diversos modelos.

**FM**—Estamos fazendo duas exposições – em São Paulo, na Casa Electrolux, e depois no Rio, na Galeria MEMO, com curadoria do artista plástico Walton Hoffmann e do jornalista Sergio Zobarán. Como você vê esse diálogo que, inclusive, dá nome à mostra?

**SR**—Uma ideia maravilhosa! É o diálogo entre duas gerações de designers, cada uma com sua maneira de interpretação. É a mesma língua, mas talvez com um dialeto diferente.

Colaborou **Joana Dale**



A



B

**A—C**  
**Menna, Xibô e Cuiabá,**  
**Ateliê Fernando Mendes**  
 Criada em 1978, a cadeira Menna acaba de ganhar reedição na Dpot. A Xibô é uma das peças feitas especialmente para a exposição na Casa Electrolux. Já a Cuiabá foi concebida em 1985 para um hotel e ganha agora sua primeira edição para o público



C

**“A madeira é um material vivo. Gosto de seu cheiro, do ato de alisá-la. A madeira responde às suas intenções”**



D

**D**  
**Mole, 1961, Dpot**  
 Clássico do mobiliário nacional, a poltrona tem estrutura de madeira maciça torneada e percintas de couro que servem de apoio para os almofadões do assento, do encosto e dos braços, unidos numa peça única



E

**G**  
**Aspas ou Chifruda, 1962,**  
**Ateliê Fernando Mendes e Dpot**  
 Com estrutura de madeira maciça, a poltrona tem encosto de compensado curvado, braços móveis e estofados de espuma de poliuretano revestidos de couro



G

**E—F**  
**Fazenda Cachoeirão, 1995,**  
**Minas Gerais**  
 Interior e fachada da casa de fazenda construída com elementos modulados pré-fabricados, no sistema construtivo industrial (SR2) que Sergio criou em 1960



F



H

**H**  
**Poltrona Leve Oscar, 1956,**  
**Lin Brasil**  
 Feita de jacarandá, a Oscar aparece aqui fotografada no ambiente dedicado às criações de Sergio na loja Espasso, em Nova York



I

**I**  
**Diz, 2001, Dpot**  
 Poltrona com estrutura de madeira maciça, assento e encosto de compensado moldado com dupla curvatura. Sergio a considera sua criação favorita



J

**J**  
**Cadeira Fernando,**  
**Ateliê Fernando Mendes**  
 O designer, em seu ateliê, montando a cadeira feita por Sergio em sua homenagem e que leva seu nome



L

**L—N**  
**Antonio, ELP e Rê,**  
**Ateliê Fernando Mendes**  
 Em sentido horário, os bancos Antônio (2009), de freijó, e ELP (2010), de taury e peroba mica, ambos criados por Fernando, e a cadeira Rê, feita pelo designer em homenagem a sua mulher, e que ele “estreia” na exposição

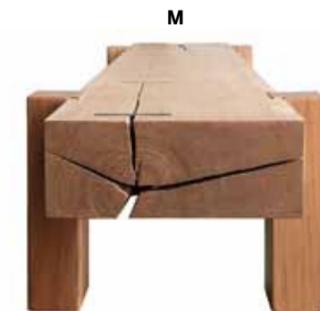


K

**K**  
**Casa do cineasta, 2006,**  
**Rio de Janeiro**  
 Outro exemplo de construção feita seguindo o SR2, o sistema de pré-fabricados de Sergio. Nessa casa ainda é possível perceber o gosto do arquiteto pelas cores alegres



N



M